

Resenha de Livros

Por uma filosofia das arruaças

MARCELO JOSÉ DERZI MORAES¹

Resenha: Simas, L. A., Rufino, L., Haddock-Lobo, R. (2020). *Arruaças: Uma filosofia popular brasileira*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo. 200pp.

Vamos naquela tendinha que a Dinha jurou que tem, caninha da boa tem, sardinha fritinha tem, pra gente que gosta e sempre se enrosca naquela birosca tem, um rabo de saia tem, vitrola de ficha tem, pra gente dançar. Ioiô, então vamos lá, laíá, então vamos lá. Quem quer madrugar, farrear zoar, conhece o caminho, encontra um jeitinho, tem sempre um lugar. Então vamos lá!²

Começar uma resenha ao som de *Deixa clarear* de Arlindo Cruz, Sombrinha e Marquinho PQD, é sinal que o coro vai comer. Nesse samba, ou a partir desse samba, gravado também por Zeca Pagodinho no seu disco *Deixa clarear* de 1996, podemos dizer de onde vamos partir, de qual lugar vai partir essa resenha. Partimos do bar, do samba, dos copos gelados e das comidas, das conversas e discussões, dos olhares e cheiros, das noitadas e madrugadas; porque, a partir do *Arruaças*, compreendemos, definitivamente, que a produção de saber pode se dar em muitos lugares. E esse é, também, o *meu lugar*.

O problema de escrever sobre um livro do tipo do *Arruaças* é que, quando você se identifica, ou se encontra, talvez até se perca, é que no fundo já não sabe quem é você e quem é o autor, e quem é ou quem são os autores, de quem são as histórias, se são deles ou dos outros. Primeiro, por causa do alto nível da escrita, que te envolve, te leva, te conduz, te faz dançar, te faz pensar, te leva para a rua, para o bar, para o terreiro, para a mata, para o morro, te leva para qualquer lugar, só não te deixa sentado no sofá no dia de domingo, pelo menos não deveria. Segundo motivo é que, se você for do *métier*, vai achar que as histórias são suas, que fez parte, que contou, que vivenciou, ou até que te contaram, que aconteceu com você. Mas, se você não é do babado, segue os ensinamentos de Leci Brandão e *deixa pra lá!*

Existe uma dificuldade de dizer ou de definir, até mesmo de catalogar o livro, classificar, de dizer do que se trata, a que área pertence, do que está falando (ou para quem está falando). Uns podem chamar de literatura, outros de folclore, outros de ensaios, de contos, até mesmo de um trabalho historiográfico. Outros, ainda, podem chamar até de

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor Adjunto do Departamento de Educação da Faculdade de Formação de Professores da UERJ e do Programa de Pós-graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva (PPGBIOS). Coordenador do Grupo de Pesquisa do CNPQ GENTE (Grupo de Estudos Negritudes e Transgressões Epistêmicas). Email: marcelojdmoraes@hotmail.com

² “Deixa clarear”, música de Arlindo Domingos Da Cruz Filho / Marcos De Souza Nunes / Montgomery Ferreira Nunis. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/0tLHIAIV3fn3uiBfZDNDCJ?si=d3c655093a6942dd> e <https://music.youtube.com/watch?v=g32FjY1-WyQ&list=RDAMVMg32FjY1-WyQ>

crônica. Prefiro compreender esse livro como um livro de filosofia. O primeiro livro de filosofia totalmente brasileiro. Mas, não tem problema se você não concorda. Não espero nem mesmo que os autores concordem, visto que o título de filósofo ou de filosofia pode ser desprezível. Mas, se considerarmos toda a potência da filosofia enquanto pensamento, considerando sua capacidade de alcance, de transformação, de penetrar, de destruir, de criar, de deslocar, de violência, sim, *Arruaças* é um livro de filosofia, um dos mais potentes escritos nos últimos anos.

A razão disso é a impossibilidade de dar conta de algumas definições clássicas que fogem do sentido esperado por uma explicação fundada no princípio de identidade e garantida pela lógica do conceito, estruturada e acomodada no aparente edifício seguro da metafísica tradicional. Porque o livro convoca espectros, fantasmas e espíritos, e disso, a filosofia, que é a mãe dos espíritos, sabe bem, mas os filósofos da ordem conseguiram atrapalhar, tentando escamotear, esconder, matar, caçar os fantasmas. Talvez, um dos maiores méritos dos autores do *Arruaças* é de serem filósofos da arruaça, que libertam os espíritos, e promovem uma verdadeira dança espectral. Fazendo valer a proposta de um dos autores, Rafael Haddock-Lobo (2020), *Arruaças* é um livro de FPB – Filosofia Popular Brasileira. É claro que não é o único, é claro que não é o primeiro e não vai ser o último. Quando digo que é o primeiro, é no sentido de como o livro nos toca, estou falando aqui em termos de sentir, desde quando você pega o livro e toca nesse elemento material, cuja capa joga com espaços lisos e em relevo, provocados por uma lixa, que pode te remeter a muitos caminhos, aos chãos lisos ou ásperos das ruas, às paredes lisas ou chapiscadas; quando te encostam no paredão ou quando dá aquela “parada” no caminho, você sente, seja na dura, ou no rala. Mas, também, a lixa do pintor, do carpinteiro, que usa a lixa para mudar, para apagar, para transformar; do shape do skate, que segura, mas escapa; o grosso das mãos calejadas; do liso das peles macias que, cuidadas ou protegidas, não se deixam maltratar; do liso do asfalto em que os carrinhos de rolimã passam derrapando; do arrastar a bunda no chão no mergulho da roleta na ida ou na volta da praia; do encontro com o vento no surf do asfalto; do passar o mês liso, mas guardando aquele da tendinha; do liso das caras de paus dos hipócritas; do liso das mangas que pegamos nos pés nos subúrbios; ao tocar o livro, uma sensação, um encontro acontece, você pode acolher ou pode rejeitar. O jogo já começa ao pegar o livro. A pegada tem que ser firme, mas a leitura tem que ser como o coração de sabiá. *Arruaças* invoca uma filosofia dessa coisa de pele (Noyama, 2020).

Arruaças é o primeiro, porque assumiu o cruzo com tudo o que constitui o Brasil em suas mais diversas heranças, sejam elas herdadas ou inventadas. O livro não cai em pelo menos três armadilhas: a da democracia racial; a do mito das três raças; e a da hierarquia das culturas. O livro não é o resultado de um sincretismo, de um hibridismo ou de uma valorização nacional. Pelo contrário, o livro assume o caráter plural da formação brasileira, de suas heranças, não nega as mestiçagens, as identidades e os cruzos, sejam eles violentos ou acolhedores, impostos ou negociáveis, inventados ou escamoteados. Além disso, o livro joga com a mistura das mestiçagens, apontando inclusive seus limites, definidos ou ocultados.

Arruaças conjura todas as hordas e falanges de espíritos e espectros, de fantasmas e assombrações culturais, étnicas, raciais que deram forma ou desforma às filosofias produzidas no Brasil. Para além do mito das três raças, os arruaçeiros deslocam hierarquias e trazem para a gira, além dos elementos indígenas e africanos vítimas da violência colonial, culturas e grupos de uma Europa marginalizada. Revelando os brasis, com letra minúscula

e no plural, certamente, uma vez que não há uma pretensão de totalidade, de uma nação única, fechada, concentrada em um centro, um Nós brasileiro. É uma filosofia das margens, do nóix, mas não da margem dada segundo um centro, mas uma margem enquanto escolha, enquanto destruição total de centros e centrismos. É a margem como potência do mundo. É a margem enquanto modo de viver, de ser. É, nas palavras de Mariane Biteti (2021), escolher por margear. Diante disso, nem sempre o que está à margem é marginal, e nem sempre o que está no centro é central. Assim, esses arruaceiros margeiam nos centros e nas margens, vadiando e bagunçando o estabelecido, a lógica dominante.

Ainda, antes de clarear, gostaria de insistir na singularidade do livro, da razão de ser um livro de filosofia, talvez o primeiro, como disse antes. Esse livro das filosofias vagabundas, como diz Wanderson Flor do Nascimento, no prefácio do *Arruaças*. Na verdade, digo que é o primeiro para poder implicar com aqueles amigos da ordem, com os vigias do pensamento. Mas, na verdade, é sim, o primeiro livro de filosofia popular brasileira. Mas, volto, primeiro não é no sentido cronológico, porque não há esse primeiro. Ora, o livro já mostra para o leitor que não pode ser o primeiro livro de filosofia popular brasileira, já que, malandros, caboclos, boiadeiros, erês, putas, travestis, pombagiras, exus, pretos velhos, entidades, orixás, santos, contadores de história, jogadores de futebol, feiticeiros, bicheiros, sambistas, jongueiros, já faziam filosofia antes deles, e que esses arruaceiros escolheram, ou foram escolhidos, não sabemos, para fazer filosofia com eles. Esses filósofos e filósofas das ruas, das matas, dos terreiros, dos mercados, das praças públicas, do samba e dos quintais escreveram seus livros em muitos receptáculos, em muitas bases, sendo, às vezes, o próprio corpo o livro e a voz a escrita. É claro que estamos aqui implodindo a própria ideia de livro. Mas, não seria o *Arruaças* a própria desconstrução do livro? No formato de bolso, sem começo, meio e fim, textos curtos, sem uma conexão direta, ou uma dependência de ligação entre os capítulos. *Arruaças* bagunça com a forma.

Em *Força e Significação*, Derrida, outro filósofo arruaceiro, nos explica que a estrutura seduz quando já não se há força. No caso do *Arruaças*, a forma, além do conteúdo, apresenta uma potência. Acredito que no contato com o livro físico já é possível perceber e apreender que o que está em jogo é uma questão clara na qual a forma e o conteúdo se diluem, impossibilitando encontrar o limite entre uma e outra, o que está dentro ou fora, forma ou conteúdo. Nesse sentido, o livro não opera na lógica hierárquica dessas dicotomias clássicas. Na estratégia do *mariwo* (Moraes, 2020), os arruaceiros estão o tempo todo operando movimentos de escamoteamento, se escondendo e escondendo o jogo, mas dando as cartas. Aparecem, desaparecem, jogam e tiram luz, observam das sombras, conspiram no escuro. O *Arruaças* não é um livro sistemático, nem possui um sistema único e fechado, pelo menos no sentido clássico de sistema. *Arruaças* é labiríntico, te lança como que no meio de uma floresta, seja ela de mata fechada ou de edifícios. A melhor forma de se guiar não é pela orientação de uma bússola, mas pelos afetos e sentidos. É seguir nas linhas do *Deixa a vida me levar* traçadas na voz do Zeca Pagodinho.

Três autores escrevendo de forma livre, que no fundo trazem uma marca, a vontade de fazer uma filosofia dos brasis. Mas, pode um livro de apenas 200 páginas sem conexão, sem uma base, sem um fundamento que garanta uma definição final, uma conclusão argumentada, comprovada, uma orientação, ser tão potente? Caracteriza, dessa maneira, um livro de filosofia? Se respondermos que não, temos aí o primeiro livro de filosofia popular brasileira. Uma filosofia com infinitas assinaturas, que forjam assinaturas, que forjam o primeiro

livro de filosofia popular brasileira. *Arruaças* é um livro espectral, que possui um por vir no qual os cruzos impedem de achar uma origem e de localizar uma chegada. O livro marca um contra-golpe, um beija-flor, um golpe com estilo, um floreio, mas certo, depois de quase 90 anos, em a grande obra *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre. *Arruaças* faz ecoar gritos e cânticos vindos das senzalas, das favelas, dos quilombos, mas, também, de Casas Grandes, dos quartos de empregadas, porém com muito mais força dos fundos de quintais. Quando digo que *Arruaças* vem na força espectral da ancestralidade, é porque ele fora escrito bem antes do limite imposto por *Casa Grande e Senzala*, retornando agora com as vozes e escritas, danças e andanças, golpes e contra-golpes, mandigas e feitiços produzidos por homens e mulheres que foram excluídos dos grandes espaços de saber, e seus saberes obliterados e violentados pelo domínio da mitologia branca, manifestada na escolha de uma única herança, a europeia. Nossos arruaceiros chegaram para arrebentar a boca do balão, mostrando heranças marginalizadas e excluídas que nos constituem.

Se se eternizou em nossas memórias *Casal Sem-vergonha*, na voz de Zeca Pagodinho, é importante lembrar que sua composição é de Arlindo Cruz e Acyr Marques, isso nos faz pensar que esses sambistas são todos arruaceiros. Rafael Haddock-Lobo, Luiz Simas e Luiz Rufino são um trio sem-vergonha, porque zoam o expediente do leitor. Pensar os encontros desses compositores, músicos e escritores, nos leva a pensar que, talvez, a arruaça filosófica só seja possível com mais de um. Esse mais de um pode ser um não-humano também, como Derrida com o seu gato em *O animal que logo sou*.

Talvez, essa trinca sem-vergonha, Haddock-Lobo, Simas e Rufino, na encruza, seja de antifilósofos, que promovem uma antifilosofia, se entendermos, por filosofia, um tipo de pensamento frio, calculista, pobre, limitado, etnocêntrico, puro, sem força, triste. A antifilosofia da filosofia desses arruaceiros é a filosofia da alegria, da festa, da bagunça, da arruaça. Isso não quer dizer que é boba ou ingênua. Pelo contrário, ela é violenta. Ela irrita, ela incomoda, ela agride, ela provoca, ela joga com a gente. Quem não sabe brincar não sai para a rua; porque, se pegar para um deles, vai pegar para geral. É a lógica do fechamento, não o fechamento enquanto encerramento ou impedimento, é o fechamento ético das ruas, do acolhimento: tá com nóix, fecha com nóix (Borges-Rosário, Moraes, Haddock-Lobo, 2020).

Luiz Simas e Luiz Rufino, casal sem-vergonha, desde *Fogo no mato* (2018), já estavam pensando outras epistemologias, outros saberes. Fora os outros cruzos e arruaças por parte de Simas ao longo da sua vida, principalmente, com Nei Lopes, arruaceiro *mor*. O encontro dos dois arruaceiros com Rafael Haddock-Lobo, outro arruaceiro sem-vergonha, mestre do cruzo, parece ter se dado numa encruza. Se assim foi, *Arruaças* é um livro forjado na encruzilhada. O próprio livro é uma encruzilhada; por onde você quiser, você entra, e sai, mas nunca sai sozinho. A encruza, como forja, forja essa filosofia popular brasileira, essa filosofia das margens. Mas não se anime, forjar consiste em escamotear ou criar (Moraes, 2020); esses arruaceiros são jogadores natos, cuidado com eles. Podem forjar um caminho e você seguir as pistas, achando que vai encontrar uma luz no fim da rua, mas lá pode encontrar aquele que vai te colocar um enigma, e a resposta pode ser apenas um padê, arriar um padê no final da rua, na encruza, na mata, na praia, no portão do cemitério. O padê é o conceito do contexto.

Os arruaceiros promoveram a festa do cruzo. Rafael Haddock-Lobo (2020) em seu *Fantasma da Colônia* já mostrava que é impossível fazer filosofia sem cruzo, e são nes-

sas linhas de força que ele propõe uma desconstrução da colonialidade. Esses arruaceiros, vadios por natureza, e natureza aqui não tem nada a ver com essência, mas também, não tem nada a ver com construção histórico-social; botaram todo mundo na roda, mas não se preocupe, não botaram seu nome na macumba. Eles deixaram a gira girar, e nesse movimento de uma gira-macumbística, na qual o cruzo faz a gira girar, esse livro de filosofia popular brasileira, o primeiro, ensina para a gente a economia das margens, nas ruas, nos terreiros, nas encruzas, nas matas, nos subúrbios, nos estádios, em muitos outros lugares. Ao toque da macumba, feitiços são entoados, encantamentos são feitos, amarrações são construídas, tambores, surdos, atabaques, berimbaus, pandeiros e tamborins preparam a chegada de uma filosofia que está por vir; uma filosofia que nos ensina a pisar, a escutar, que ensina a dar a rasteira, mas cair bonito quando toma uma. É, sem dúvida nenhuma, uma filosofia da educação ou uma educação filosófica do que pode ser uma filosofia popular brasileira, a FPB. É uma *Pedagogia das Encruzilhadas* (2018), referenciando um outro livro de Luiz Rufino.

Ainda pensando em termos de formação, apesar de que o melhor seria pensar em termos de criação, não criação no sentido bíblico, de criação divina, mas, no sentido de ser cria, de ser criado nas ruas, nos livros, em casa, no terreiro, nas escolas, nos bares e, até, nos altares, rompendo, definitivamente, com as heranças coloniais do criado, aquele que serve. *Arruaças* nos forma para outros códigos, outras línguas, outros sotaques, outras relações e conexões, que rompem e disputam com a língua dominante e predominante. Nesse sentido, *Arruaças* é um livro sobre desobediência, seja ela epistêmica ou civil, mas, sobretudo, à linguagem colonial. Porém, o livro não é didático, não tem nada de didático, e não foi escrito para qualquer um, foi escrito para nóix. Mas, quem é nóix? nóix é a gente, não são os outros. Assim, a melhor forma de pensar essa obra é em termos de aliança, em outras palavras, de fechamento.

É por uma pedagogia das encruzilhadas que *Arruaças* é um livro sobre lugar, sobre lugares. É um convite para uma festa, uma festa dos cruzos, para uma festa dos encontros. Na grande festa do *Arruaças*, os códigos e as regras não estão dadas. Por esse motivo, é importante saber chegar e conhecer o chão que se pisa. É se há uma lei, é aquela anunciada por Dona Ivone Lara: alguém me ensinou para pisar nesse chão devagarinho.

Nesse sentido, *Arruaças* é um livro que promove uma cartografia do vadio, uma cartografia de saberes que são produzidos à margem (Biteti, Moraes, 2019). Daquele vadio que vadia na margem, mas que vadia nos centros; e que, na letra e voz de Leci Brandão, é um maravilhoso vagabundo. Nessa filosofia do espaço, mas que vou chamar de filosofia do lugar, ou dos lugares, nossos arruaceiros mostram para a gente que filosofia se faz em qualquer lugar a partir de qualquer lugar, *tem sempre um lugar*. A importância disso no livro é que novamente não há um centro, há margens, margens que produzem conhecimentos, que produzem saberes, que produzem histórias, que produzem filosofia (Simas, Rufino, 2018). Por essa razão, não há pretensão de impor nada a ninguém, são saberes do lugar, dos lugares, do *Meu lugar*, como diz Arlindo Cruz e Mauro Diniz. *Arruaças* invoca os mitos de seres de luz, dos lugares lançados às escuridões e às sombras, e pelas sombras promovem luz, não a luz da razão iluminista, da razão europeia; mas, a luz dos saberes marginalizados, uma luz que não ofusca, que não se pretende iluminadora, que leva à luz ou a luz. Também, não se coloca como única, como centro. Não é da ordem da lógica do farol, metáfora maior do Ocidente, que orienta. É a lógica da luz das velas nas encruzi-

lhadas, que nas esquinas, marcam pontos de chegada, de passagem e de ida, que são acesas nas pontas, não ocupam os centros. Não são luzes demasiadamente fortes para cegar, nem fracas demais que não marquem cada passo no nosso caminhar. Os três aparentemente capítulos ou partes são como velas nas encruzilhadas, que marcam passagem de um momento para o outro, clareiam nosso caminhar nos saberes jogados às sombras, e que das sombras, dos cantos e becos, produzem um ecoar de saberes espalhados pelo país. *Arruaças* são velas espalhadas pelas encruzilhadas das cidades, dos interiores, das matas, dos sertões, das praias, das montanhas e dos pantanais.

Definitivamente, *Arruaças* é o primeiro livro de filosofia popular brasileira escrito por vadios que da encruzilhada, fazendo cruzos e feitiços filosóficos, gritam pela liberdade, pela liberdade de uma filosofia brasileira feita nas ruas, nos terreiros, nas rodas de samba, nas favelas, nos quilombos e nos subúrbios. Então, deixa clarear, porque quem tem banca, banca, quem não tem, se vira.

1. Referências

- Biteti, M. de O. (2021). Morte e Vida Pombogira. Abatirá - Revista De Ciências Humanas E Linguagens, 2(4), 101 - 114. Recuperado de <https://www.revistas.uneb.br/index.php/abatira/article/view/13315>
- Biteti, M. de O., Moraes, M. J. D (2019). Vidas e Saberes Periféricos como Potências Transgressoras. *Tlalli Revista de Geografia*. N.2, pp. 79-96.
- Borges-Rosário, F., Haddock-Lobo, R., Moraes, M. J. D (2020). *Encruzilhadas filosóficas*. Coleção X. Rio de Janeiro: Ape'ku.
- Haddock-Lobo, R (2020). *Fantasmas da colônia*. Rio de Janeiro: Editora Ape'ku.
- Moraes, M. J. D (2020). *Democracias espectrais: por uma desconstrução da colonialidade*. Rio de Janeiro: Editora Nau.
- Noyama, S (2020). *Gingar, filosofar, resistir: ensaios para transver o mundo*. Curitiba: CRV.
- Rufino, L (2019). *Pedagogia das Encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial.
- Simas, L. A (2013). *Pedrinhas miudinhas: ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros*. Rio de Janeiro: Mórula.
- Simas, L. A., Rufino, L (2018). *Fogo no mato: A ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Mórula.
- Simas, L. A., Rufino, L (2019). *Flecha no tempo*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.